

O DESENVOLVIMENTO DA MARCA DE OBJETO DE SEGUNDA PESSOA PLURAL EM TUPI-GUARANI

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UFPA)

1 INTRODUÇÃO¹

Alguns dos estudos que focalizam aspectos tipológicos de línguas Tupí-Guaraní como o Guajajára (Harrison, 1986), o Kamayurá (Seki, 1990) e o Tapirapé (Leite, 1990) mostram que a marcação de pessoa nos verbos transitivos de orações independentes nessas línguas é orientada pelo princípio de que A (agente) tem precedência sobre O (paciente), e por uma hierarquia referencial², segundo a qual, a primeira pessoa tem precedência sobre a segunda pessoa, que, por sua vez, tem precedência sobre a terceira pessoa (1 > 2 > 3).³ Favorece essa idéia o fato de que os verbos transitivos recebem marcas que codificam o sujeito (1, 2, 12(3), 13, 23, ou 3) quando o objeto é de terceira pessoa, e que, nas situações em que uma primeira pessoa age sobre uma segunda pessoa, as marcas pessoais encontradas nos verbos transitivos são igualmente interpretadas como marcas de sujeito/agente, exceto as do Kamayurá, que são tratadas por Seki (1990, 2000), como prefixos *portmanteaux*.

Com respeito ao Guajajára, Harrison (1986:420) descreve os prefixos pessoais *a-* '1 SG', *ere-* '2 SG', *za-* 'INTRANS + 1PL.INCL', *si-* 'TRANS + 1PL.INCL', *uru-* '1PL.EXCL', *pe-* '2 PL' e *u-* '3' como prefixos nominativos, os quais são os únicos a ocorrer em verbos ativos e em verbos intransitivos (exceto *si-* 'TRANS + 1PL.INCL') com sujeito-em-controle como 'ir'. São ainda considerados prefixos nominativos por Harrison (p.432) as formas que expressam relações em que 1 age sobre 2 – *apu-* (1->23) e *urupu-* (13->23), o que concorda com a idéia de que existe em Guajajára uma hierarquia, segundo a qual 1 > 2 > 3, uma vez que, nos casos em que um verbo transitivo não recebe marcas pessoais, 2/23 ou 3 é agente e 1/12/13 é paciente.

¹ Agradeço a Aryon D. Rodrigues pelas críticas e sugestões sempre pertinentes e a Ruth Maria Fonini Monserrat pelos dados inéditos do Awetí, de fundamental importância para a proposta apresentada neste estudo. Agradeço também a Francisco Queixalós pelas observações feitas à primeira versão deste estudo, e a Poruto Tembê pelos dados e por todas as valiosas explicações sobre o uso das marcas pessoais em sua língua nativa.

² Monserrat (1973) demonstra que em Awetí, língua do tronco Tupí, mas não da família Tupí-Guaraní, o alinhamento de marcas pessoais nos verbos é orientado por uma hierarquia semântica dos participantes do discurso por ordem de sua importância, "que em ordem decrescente de importância é a seguinte: falante, ouvinte, terceiro-1, terceiro-2, de modo tal que o falante, se expresso no discurso, sempre é seu foco; que o ouvinte só é foco na ausência do falante; e que um terceiro (terceiro-1) só é foco na ausência do falante e do ouvinte", e que "os prefixos pessoais verbais indicam sempre a pessoa foco do discurso" (p.6). Monserrat introduziu, dessa forma, a discussão sobre motivações semânticas e pragmáticas relativas a alinhamento nos estudos sobre línguas do tronco Tupí.

³ Os símbolos e abreviaturas usados neste estudo são apresentados a seguir com os seus respectivos significados: A = Agente; CA = Caso argumentativo; CAUS = Causativo; C.COM = Causativo comitativo; CNT = Contíguo; COL = Coletivo; Cont = Continuativo; Cop = Cópula; CORR = Correferencial; E = Paciente; EXCL = exclusiva; FUT = Futuro; Fut = Futuro; GER = Gerúndio; H = Humano e genérico; INCL ou incl. = Inclusiva; IND.II = Modo indicativo II; INTRANS = Intransitivo; NCNT = Não-contíguo; INTEN = Intencional; LOC = Locativo; NEG = Negação; PASS = Passado NOM = Nominalização; NUM = Numeral; SG ou sg ou s = Singular; Q = Pergunta, pess. = Pessoa; PM = Portmanteau(x); pTG = proto-Tupí-Guaraní; refl. = Reflexivo; TRANS = Transitivo; VM = Voz média; 1 ou 1ª = Primeira pessoa; 2 ou 2ª = Segunda pessoa; 3 ou 3ª = Terceira pessoa; PL ou pl = Plural; progr. = progressivo.

Leite (1990, p. 44) analisa os prefixos pessoais do Tapirapé, que expressam o sujeito de verbos transitivos (A) e o sujeito de verbos intransitivos ativos ou dinâmicos (Sa) em predicados de orações independentes, como prefixos nominativos ou ativos. Esses prefixos são *ã-* ‘1ª sg.’, *ere-* ‘2ª sg.’, *xí-* ‘1ª pl. incl.’, *ara-* ‘1ª pl. excl.’, *pe-* ‘2ª pl.’ e *a-* ‘3ª’. São também considerados como marcas de sujeito os prefixos *ara-* e *ãpa*, o primeiro codificando o sujeito de primeira pessoa quando o objeto é de segunda pessoa do singular e o segundo marcando o sujeito de primeira pessoa quando o objeto é de segunda pessoa do plural. Diferentemente das análises feitas para as demais línguas da família, Leite postula a existência de uma marca \emptyset que codificaria o objeto de segunda pessoa nesse tipo de relação, bem como uma marca \emptyset para a terceira objeto não-reflexiva. Segundo sua análise, construções anteriormente concebidas como *ã-nopĩ* ‘eu bato nele’, *ere-nopĩ* ‘você bate nele’ e *a-nopĩ* ‘ele bate em outro’, por exemplo, passariam a ter respectivamente as seguintes formas morfológicas: *ã- \emptyset -nopĩ*, *ere- \emptyset -nopĩ*, *a- \emptyset -nopĩ* (p.42); e uma construção do tipo *ãpa-nopĩ* ‘eu bato em vocês’, passaria a ser formulada como *ãpa- \emptyset -nopĩ* (1ª sg. sujeito - 2ª pl. objeto - bater) (p.43). Para Leite um morfema vazio de segunda pessoa objeto, bem como um morfema vazio de terceira pessoa objeto se justificariam “uma vez que há em Tapirapé a incorporação do objeto, tanto nominal (*ã-tĩro-patokã* ‘eu-roupa-lavo’), quanto pronominal (*ã-xe-kotok* ‘eu-refl.-furo’; *ere-xe-kotok* ‘você-refl.-fura’) (p.42).⁴ Leite observa ainda que os sistemas ativos no Tapirapé são derivados de uma hierarquia semântica em que $1 > 2 > 3$, apondo-se à raiz verbal a série da pessoa mais alta segundo essa hierarquia (p.42), esteja ela na função de sujeito ou de objeto.⁵

Uma outra língua para a qual uma hierarquia com as mesmas características das descritas para o Guajajara e para o Tapirapé tem sido proposta é o Kamayurá. De acordo com Seki (1990, 2000), nessa língua *a-* ‘1sg.’, *ere-* ‘2sg.’, *ja-* ‘1 incl.’, *oro-* ‘1 excl.’, *pe-* ‘2pl.’ e *o-* ‘3’, que marcam A e Sa, são característicos de temas verbais ativos nos modos indicativo e hortativo, e a ocorrência de apenas essas marcas pessoais em temas verbais nesses modos é consequência da hierarquia referencial existente nessa língua em que $1 > 2 > 3$, bem como da restrição que permite a marcação de apenas um participante A ou O nas formas do indicativo. Os prefixos que expressam uma primeira pessoa agindo sobre uma segunda pessoa são interpretados como *portmanteaux* (*oro-* ‘PM.1SG/2SG’ e *opo-* ‘PM.1/2PL.’), e nesse tipo

⁴ Os dados lingüísticos usados como referência neste estudo provêm das seguintes línguas e respectivas fontes: Guaraní Antigo (GA): Ruiz de Montoya, 1876[1639/1640]; Restivo, 1892[1724]; Guaraní-Paraguayo (GP): Krivoshein, 1983; Guasch, 1948; Mbyá (Mb): Dooley, 1982, 1988, 1997; Cadogan, 1992; Kaiwá (Kw): Taylor, 1984; Chiriguano (Ch): Dietrich, 1986; Guarayo (Gu): Hoeller, 1932a, 1932b; Tupinambá (Tb): Anônimo, 1952[1621], 1953[1621]; Figueira, 1878[1687]; Língua Geral Amazônica (LGA): Tastevin, 1921; Asuriní do Tocantins (As-T): Cabral, arquivos pessoais; Parakanã (Pr): Rodrigues e Cabral, arquivos pessoais; Suruí (Su): Monserrat, arquivos pessoais; Tapirapé (Tp): Almeida et al., 1983; Leite, 1990; Tembé (Tm): Boudin, 1978; Cabral, arquivos pessoais; Guajajara (Gj): Bendor-Samuel, 1972; Harrison, 1986; Kayabí (Kb): Dobson, 1988, 1997; Weiss, 1998; Asuriní do Xingú (As-X): Monserrat et al., 1998; Rodrigues e Cabral, arquivos pessoais; Araweté (At): Vieira e Leite, 1998; Rodrigues e Cabral, arquivos pessoais; Parintintin (Pt): Betts, 1981; Kamayurá (Km): Seki, 1990; 2000; Wayampí do Amapari (Wy-A): Jensen, 1989; Wayampí do Jarí (Wy-J): Jensen, 1989; Wayampí da Guayana Francesa (Wy-G): Coudreau, 1892; Grenand, 1980, 1989; Ka’apór (Kp): Kakumasu, 1983; Corrêa da Silva, 1997; Cabral, arquivos pessoais; Emérrillon (Em): Coudreau, 1892; Maurel, 1999; Couchili, Maurel e Queixalós, 2000; Jo’é (Jo): Cabral, arquivos pessoais.

⁵ De acordo com Leite (1990, p. 40), os clíticos do Tapirapé que expressam a função de objeto são: *xe* ‘1sg’, *ne* ‘2sg’, *xane* ‘1incl.’, *are* ‘1excl.’, *pe* ‘2pl’ e *i ~ t ~ \emptyset* ‘3’.

de relação A tem o mesmo valor que O, razão pela qual a hierarquia não funciona (Seki 1990:384):

- 1) *oro-esák*
PM.1sg/2sg-ver
'eu vejo você' (Seki,1990, p. 384)
- 2) *opo-esák*
PM.1/2pl-ver
'eu vejo vocês';
'nós (excl.) vemos vocês' (Seki, 1990, p. 384)

Interpretações distintas são dadas a prefixos cognatos de *oro-* e *opo-* do Kamayurá existentes em outras línguas Tupí-Guaraní, como o Chiriguano, o Guaraní Antigo e o Tupinambá, os quais são interpretados respectivamente por Dientrich (1990, p. 79), Grannier Rodrigues (1997) e Rodrigues (1998) como marcas de objeto (*ro-* '2' e *po-* '23' no Chiriguano e *oro-* '2' e *opo-* '23' no Guaraní Antigo e no Tupinambá).

Duas hipóteses foram levantadas sobre a possível origem desses dois prefixos na família Tupí-Guaraní. A primeira delas, proposta por Monserrat e Soares (1983), aventa a possibilidade de que a fonte histórica das formas atuais tenha sido a combinação da marca de primeira pessoa **a-* com a marca de segunda pessoa **ere-* (**a-ere-Vtr*), em um estágio anterior, comum ao proto-Tupí-Guaraní e ao Mawé. A segunda hipótese, levantada por Jensen (1988), considera que as formas atuais são reflexos diretos das proto-formas **oro-* e **opo-*.

Neste estudo, formula-se uma hipótese alternativa às anteriormente propostas para explicar o desenvolvimento de marcas pessoais como *opo-* do Guaraní Antigo, do Tupinambá e do Kamayurá e de formas como *ãpa-* do Tapirapé. Esta hipótese considera que, em um estágio anterior à diversificação da família Tupí-Guaraní, a combinação de verbos transitivos com o morfema *-poro-*, cujo significado se compunha dos traços [+/- humano] e [+genérico], era também usada nas situações em que o agente era de primeira pessoa '1' ou '13' e o paciente de segunda pessoa do plural, de forma a atenuar a referência ao paciente, uma estratégia que se preserva em pelo menos duas línguas Tupí-Guaraní, o Tembé e o Asuriní do Xingu, e que corresponde, em parte, ao que Brown e Levinson (1994) caracterizam como estratégias para evitar a ameaça à face (Ver secção 3).

Em estágios subseqüentes da diversificação da família, a forma morfofonológica correspondente à combinação de afixos pessoais e **poro-*, quando usada para expressar esse tipo de relação, teria sofrido em várias línguas modificações que permitem a interpretação do surgimento de novos prefixos pessoais de segunda pessoa plural objeto. Essa nova estratégia resolveria a situação de confronto **eu-tu**, pela eliminação da marca de agente do verbo (Queixalós e Couchili, 2000). Demonstra-se, ainda, que em algumas línguas da família que desenvolveram prefixos pessoais a partir dessa combinação, esses prefixos não constituem critério morfológico para distinção de classes de palavras, uma vez que ocorrem não só com verbos, mas também com nomes.

2 HIPÓTESES SOBRE A ORIGEM DA MARCA DE SEGUNDA PESSOA PLURAL OBJETO EM PROTO-TUPÍ-GUARANI

2.1 HIPÓTESE 1

Em seu artigo *Hierarquia referencial em línguas Tupí-Guaraní*, Monserrat e Soares (1983), fundamentadas em dados de 17 línguas Tupí, dentre as quais 13 línguas Tupí-Guaraní e o Mawé, propõem uma primeira explicação para o desenvolvimento histórico das marcas verbais que codificam as relações entre primeira pessoa agente e segunda pessoa paciente nessas duas famílias. Essa hipótese considera que, em vários grupos de línguas Tupí-Guaraní e no Mawé, as marcas morfológicas que expressam o tipo de relação em questão ter-se-iam desenvolvido a partir de um estágio em que o prefixo subjetivo ‘1’ passou a se combinar com o prefixo subjetivo ‘2’, o qual, nessa combinação, codificava o objeto. Línguas individuais e grupos de línguas teriam seguido diferentes direções, quebrando de forma parcial ou total uma hierarquia original em que falante > ouvinte > nome próprio (humano) > nome comum (humano) > animado > inanimado), a qual se manifestava “por morfemas de caso ao marcar, no verbo transitivo, a função correspondente ao referente mais alto da hierarquia referencial.” (p.165-166) O desenvolvimento das novas marcas teria, assim, passado pelos seguintes estágios:

1º estágio: o uso simultâneo de prefixos de primeira e segunda pessoa:

	objeto		
		você	vocês
sujeito			
eu		*a- ‘1’ +*(e)re- ‘2’	*a- ‘1’
nós		*oro- ‘13’	*oro- ‘13’

2º estágio:

a) o obscurecimento do sentido da forma aglutinada de primeira e segunda pessoa, permitindo posteriormente sua expansão analógica para a relação sujeito ‘eu’/objeto ‘vocês’, como ilustrado pelas formas encontradas no Mawé:

Situação no Mawé	aro-	waro-
	oro-	oro-

Para as autoras, a forma *aro-* em lugar da esperada *are-* poderia ter sido motivada pela pressão analógica da forma *oro-*, indicando a primeira pessoa do plural.

b) nas demais línguas, o uso simultâneo de dois prefixos ‘1’ + ‘2’ ter-se-ia estendido para a representação das relações ‘1’ + ‘23’ (*a-pe-Vtr)⁶, com a mutação vocálica de *e para o, também a partir de uma pressão analógica exercida pela forma *oro-*”:

aro-	afo-
oro-	oro-

⁶ Segundo as autoras, esse estágio, embora não estando representado integralmente em nenhuma língua, teria sido necessário para explicar dados como, por exemplo, os do Kamayurá.

A partir desse estágio, as demais línguas teriam seguido 4 direções distintas:

1) a pressão analógica da forma *oro-* (sujeito '13') teria continuado a provocar mutações vocálicas na forma das combinações sujeito '1'/ objeto '2' e sujeito '1'/ objeto '23', resultando em formas como as encontradas no Kamayurá:

<i>oro-</i>	<i>oɸo-</i>
<i>oro-</i>	<i>oro-</i>

2) a mesma pressão analógica teria levado à redução das quatro formas a uma só forma, como no Wayampí e no Asuriní do Tocantins:

<i>oro-</i>	<i>oro-</i>
<i>oro-</i>	<i>oro-</i>

3) mutação da primeira vogal (*aro-* > *oro-*) e manutenção da forma *apo-*, que se estenderia para a relação sujeito '13'/objeto '23'. Esta direção teria tomado o Tapirapé que, em um estágio subsequente, teria mudado os antigos **o*(s) em *a*(s) e os antigos **a*(s) em *ã*(s):

<i>ara-</i>	<i>ãpa-</i>
<i>ara-</i>	<i>ãpa-</i>

4) mutação de *aro-* em *oro-*, manutenção de *apo-*, e expansão do uso da combinação do prefixo subjetivo com o prefixo objetivo para a relação sujeito '13'/objeto '23', direção esta seguida pelo Kaiwá, Guajajára e Tembé:

<i>oro-</i>	<i>apo-</i>
<i>oro-</i>	<i>oroɸo</i>

Montserrat e Soares propõem ainda um estágio mais avançado, no qual a forma *opo-* se expande para a relação sujeito '13'/objeto '23', como teria ocorrido em Tupinambá e em Parintintín:

<i>oro-</i>	<i>opo-</i>
<i>oro-</i>	<i>opo-</i>

Em suma, as formas atuais que expressam relações entre primeira e segunda pessoa ter-se-iam desenvolvido a partir da combinação do prefixo subjetivo '1' e do prefixo objetivo '2' (**a-ere-*)⁷, e essa combinação teria sido também o ponto de partida para a quebra

⁷ O Sirióno (ramo II) possui um proclítico *are-*, que, segundo Pe. Francisco Schermair (1949:332-333) é usado quando o sujeito é '1' ou '13' e o objeto é '2' ou '23'. Sujeito '1'- objeto '2': *are-rurubi* 'eu me aproximo de ti', *are-rea* 'eu te vejo'. Sujeito '1'-objeto '23': *are-noã* 'eu vos castigo ou *haẽ-noã* 'eu vos castigo', mas Schermair observa que 'este último modo de falar não é tão claro' (p.333). Sujeito '13'-objeto '2': *nde ure dinoã*, ou *nde are-noã ha*, ou *ure (ha) are-noã*, 'nós te castigamos'. Sujeito '13'-objeto '23': *uré (ha) he-noã* 'nós vos castigamos'. O morfema *are-* do Sirióno, apesar de ser fonologicamente similar à forma fonológica do que Montserrat e Soares (1983) hipotetizam como tendo sido a fonte histórica dos prefixos que codificam as relações em que 1/13 age sobre 2 em Tupí-Guaraní (a combinação **a-re-*), pode não constituir um dado apropriado para estudos comparativos, uma vez que o Sirióno diverge em vários aspectos fonológicos, morfológicos e morfossintáticos das demais línguas da família, e esses

de uma hierarquia referencial existente no proto-Tupí, bem como do princípio segundo o qual o agente teria tido precedência sobre o paciente nas formas verbais transitivas. Tal quebra teria levado às seguintes mudanças na hierarquia referencial original:

- a) o uso exclusivo do prefixo que expressa o sujeito indica que o agente tem precedência sobre o paciente;
- b) o uso exclusivo do prefixo que expressa o objeto indica que o paciente tem precedência sobre o agente.

2.2 HIPÓTESE 2

Uma segunda hipótese sobre a origem desses prefixos é levantada por Jensen (1987), que propõe a reconstrução de dois prefixos pessoais que ocorreriam em verbos transitivos quando uma primeira pessoa sujeito agia sobre uma segunda pessoa objeto. Nessa situação, o prefixo **oro-* marcaria no pTG a segunda pessoa do singular objeto com primeira pessoa sujeito e o prefixo **opo-* a segunda pessoa plural objeto com primeira pessoa sujeito. A reconstrução de **oro-*, segundo Jensen, não representa problemas, visto que as línguas que marcam segunda pessoa objeto, o fazem com morfemas cognatos facilmente deriváveis de um pTG **-oro*. Sua proposta é a de que a proto-língua teria tido uma única forma **opo-*, paralela a *oro-*:

- 3a) **oro-epyak* ‘eu ou nós vimos você’
- b) **opo-epyak* ‘eu ou nós vimos vocês’

Formas como *apo-* e *oropo-* do Kaiwá seriam, segundo Jensen, derivadas do pTG **opo-*, abreviado para *po-*, que teria sido reinterpretado como prefixo objeto de segunda pessoa do plural, e associado aos prefixos **a-* '1' e **oro-* '13', de forma análoga à combinação desses prefixos com os prefixos **i-* e **c-*, rotulados de terceira pessoa objeto:

- | | | | | |
|----|---------------|--------------|-----------------|----------------|
| 4) | <i>*a-i-</i> | ‘eu...isso’ | <i>*oro-i-</i> | ‘nós...isso’ |
| | <i>*a-c-</i> | ‘eu...isso’ | <i>*oro-c-</i> | ‘nós...isso’ |
| | <i>*a-po-</i> | ‘eu...vocês’ | <i>*oro-po-</i> | ‘nós... vocês’ |

Outra substituição da forma original **opo-* teria ocorrido, segundo Jensen (1990:131), no Wayampí, que teria substituído **opo-* por *poro-*.

3 ELEMENTOS PARA UMA HIPÓTESE ALTERNATIVA

Em Tembé (ramo IV), Asuriní do Xingu (ramo V), Émerillon, Jo'é e Wayampí (ramo VIII), diferentemente do que ocorre em Guaraní Antigo (ramo I), Guaráyo (ramo II) Tupinambá (ramo III), Tapirapé (ramo IV), Parintintin (ramo VI) e Kamayurá (ramo VII), quando 1 ou 13 age sobre 23, esse tipo de relação é expresso por meio da combinação de verbos transitivos com um morfema *poro-*, cujo significado se caracteriza em Jo'é e Tembé pelos traços [+humano, +genérico] e em Asuriní do Xingú, e em Emérrillon são interpretados respectivamente por Monserrat (1998) e Couchili, Maurel e Queixalós (2000) como uma marca de segunda pessoa plural.

No Asuriní do Xingu (Monserrat, 1998:11), quando o objeto é ‘tu’, “...o prefixo *uru-* indica ao mesmo tempo o sujeito (eu ou nós exclusivo) e o objeto; quando o objeto é

pontos divergentes somados à ausência de prefixos pessoais de primeira pessoa, tanto inclusiva, quanto exclusiva, faz dela uma língua aberrante dentro da família Tupí-Guaraní.

‘vocês’, o prefixo de sujeito *a-* (primeira do singular ‘eu’) ou *uru-* (primeira do plural ‘nós’) é seguido pelo prefixo de objeto do plural *puru-* (segunda do plural ‘vocês’). Exemplos dados por Monserrat do uso desses prefixos são:

- | | | | |
|------------------|------------|----------------------|-------------------|
| 5 ^a) | <i>je</i> | <i>uru-esak</i> | ‘eu vi você’ |
| b) | <i>ure</i> | <i>uru-esak</i> | ‘nós vimos você’ |
| c) | <i>je</i> | <i>a-puru-esak</i> | ‘eu vi vocês’ |
| d) | <i>ure</i> | <i>uru-puru-esak</i> | ‘nós vimos vocês’ |

Em Tembé (Cabral, notas de trabalho de campo), quando o sujeito é 1 ou 13 e o objeto é 2, a raiz verbal recebe o prefixo *uru-*, aqui interpretado como ‘20’ e, quando o sujeito é 1 ou 13 e o objeto é 23, a língua recorre a uma construção, que consiste em uma raiz verbal transitiva em composição com *po-* ‘humano-genérico’, flexionada por prefixos de sujeito (agente) *a-* ‘1’ ou *uru-* ‘13’:

- | | | | |
|-----|------------|-------------------------|--------------------------------|
| 6a) | <i>ibé</i> | <i>uru-kutúk tár</i> | ‘eu vou furar você’ |
| b) | <i>uré</i> | <i>uru-kutúk tár</i> | ‘nós vamos furar você’ |
| c) | <i>ibé</i> | <i>a-pu-kutúk tár</i> | ‘eu vou furar gente/ vocês’ |
| d) | <i>uré</i> | <i>uru-pu-kutúk tár</i> | ‘nós vamos furar gente/ vocês’ |

Se, por um lado, os dados do Tembé correspondem aos dados do Asuriní do Xingu, mostrando uma construção distinta da usada em outras línguas para expressar a relação 1/13.A->23.P, por outro lado indicam que as formas do Guajajára para expressar essa relação, descritas por Bendor Samuel (1976) e por Harrison (1986) como *apu-* e *urupu-*, são historicamente deriváveis de **a-poro-Vtr* e **oro-poro-Vtr*, respectivamente, e mais apropriadamente segmentáveis em dois morfemas, *a-pu-* (1-23-) e *uru-pu-* (13-23-), em que o morfema *pu-* (< **-poro-*) pode ainda manter um significado humano e genérico. As evidências lingüísticas e também as informações históricas e sociais que confirmam os estreitos laços de parentesco entre essas duas línguas, eliminam a possibilidade de que as formas *a-pu* e *uru-pu* do Guajajára tenham tido uma fonte histórica distinta das formas *a-pu* e *uru-pu* do Tembé.

Note-se ainda a semelhança das formas do Tembé e do Guajajára com as formas do Kaiwá (ramo I) *a-po* e *oro-po*, a qual favorece a hipótese de que o padrão original comum a essas línguas teria sido **a-/oro-poro-Vtr*. Mais indicações que contribuem para isso vêm de dados do Mbyá (Dooley, 1982), muito próximo do Kaiwá, em que as formas *poro-* e *po-* são ambas traduzidas como ‘objeto plural’, embora nas nominalizações *poro-* tenha o significado de ‘gente’/‘humanos’(ver exemplos 38 e 39):

- | | | | | | |
|----|------------------------|----|------------------------|-------------------|-----------|
| 7) | <i>apoexa</i> | 8) | <i>xee</i> | <i>pomondouka</i> | <i>ta</i> |
| | ‘eu vi muitos’ | | ‘vou enviá-los’ | | |
| | (Dooley, 1982, p. 149) | | (Dooley, 1982, p. 149) | | |

No Guaraní Paraguayo (De Canese, 1983, p. 77; Guasch, 1948, p. 107-108), assim como no Chiriguano (Dietrich, 1990, pp. 78-79), o prefixo *po-* ‘23’ forma com *ro-* ‘2’ um paradigma de prefixos objetivos que excluem as marcas de agente no verbo. A proximidade

genética dessas línguas com o Kaiwá e com o Mbyá favorece a idéia de que a forma *po-* tenha se desenvolvido a partir do morfema **-poro-*.

Outras indicações de que construções com o pTG **-poro-* tenham sido a fonte para o surgimento de marcas de segunda pessoa plural objeto em Tupí-Guaraní vêm de línguas geograficamente mais distantes, como o Emérrillon, o Jo'é e o Wayampí. Couchili, Maurel e Queixalós (2000) mostram que no Emérrillon, quando o agente é de primeira pessoa e o paciente é de segunda pessoa do singular, o verbo recebe o prefixo *olo-*; e quando o paciente é de segunda pessoa do plural, o verbo é marcado com *a-polo-*⁸:

'AGT'	→	'PAC'	IP _{A-}	IP	'connaître'
1° sg	→	2° sg		<i>olo-</i>	<i>kuwa</i>
1° sg	→	2° pl	<i>a-</i> ₁	<i>polo-</i>	<i>kuwa</i>

Esses autores observam ainda que se *a-* representa a primeira pessoa agente e *-polo-* a segunda pessoa do plural paciente, nesse caso, *olo-* corresponderia à segunda pessoa do singular paciente, e esses fatos concordariam, então, com uma hierarquia 2 > 1, a qual orienta a manifestação morfológica da primeira pessoa. Uma hipótese alternativa levantada por Couchili, Maurel e Queixalós trata o prefixo *olo-* como um índice de primeira pessoa exclusiva agente. Nesse caso, construções do tipo "nós (sem ti) te conhecemos" seriam usadas em lugar de "eu te conheço". Contudo os autores ressaltam que essa última hipótese torna a construção *a-polo-kuwa* bastante enigmática, razão porque optam pela primeira hipótese.

Os dados do Émerillon mostram, por outro lado, que a combinação *a-polo-* usada para marcar uma primeira pessoa '1' agindo sobre uma segunda pessoa plural é similar à forma *a-puru-* encontrada tanto no Asuriní do Xingu quanto no Tembé para expressar a mesma relação, o que sugere uma fonte histórica comum: **a-poro-Vtr*. É relevante para a presente discussão o fato de que, no Tapirapé, a forma *ãpa-* '23.O' vem provavelmente de *a-po* < **a-poro*, e que no Guajajára o uso da construção *uru-pu-Vtr* não é aceita em todos os dialetos (cf. Harrison, 1986, p. 432), enquanto que a construção *a-pu-Vtr* permanece em todos eles. Esses dados levam a interpretação de que, em parte das línguas da família, o prefixo que marca a segunda pessoa objeto resultou da combinação *a-po(ro)-Vtr* (Tp), enquanto que, em outras línguas, a marca de segunda pessoa plural objeto resultou da combinação **oro-poro-Vtr* (GA, Tb, Km, Pt, Su).

Em Jo'é⁹ o verbo transitivo recebe a marca *oro-* quando o paciente é de segunda pessoa singular e o agente é de primeira pessoa '1' ou '13', e a marca *poro-* quando o paciente é uma segunda pessoa plural. *poro-Vtr* é também usado para codificar um objeto genérico e humano como em *poro-su'ú* 'morder-gente'. Trata-se portanto de um prefixo, cujo significado mais apropriado incluiria os traços [+genérico, +humano]. Nas construções com os prefixos *oro-* '2' e *poro-* 'humano-genérico', o agente não é marcado no verbo e sua expressão sintática se dá em casos de ênfase, por meio dos pronomes pessoais *iji* '1' ou *oré* '13'.

⁸ Ver também Maurel (1998).

⁹ Cabral, notas de trabalho de campo.

- 9 a) (jĩ) oro-dupã ‘eu bati em você’
 b) (oré) oro-dupã ‘nós batemos em você’
 c) (jĩ) poro-dupã ‘eu bati em gente’ ou ‘eu bati em vocês’
 d) (oré) poro-dupã ‘nós batemos em gente’ ou ‘nós batemos em vocês’

Note-se que no Wayampí (Jensen,1987), quando o sujeito (agente) é de primeira pessoa e o objeto é ‘23’, o verbo recebe a marca *poro-*, como ocorre no Jo'e. Essas duas línguas fornecem indicações adicionais de que a forma original para expressar esse tipo de relação não teria sido **opo-*, como propõe Jensen (1987).

Consideremos agora alguns dados do Guaraní Antigo, uma das línguas que possui a série de prefixos *oro-* ‘2’ e *opo-* ‘23’, os quais ocorrem também com nomes na função de objeto direto, quando os possuidores destes são de segunda pessoa e o sujeito de primeira pessoa (exemplos 12, 13 e 14):

- 10) *opo-a ɽĩ-ø* *ø-poro-báĩbú-βo* *a-ikó*
 23-filho.por.relação.a.homem-CA CNT-humano-amar-MS 1-estar.em.movimento
 ‘amo vossos filhos’(Montoya, [1639/1640] 1876, p. 319/313)

Montoya (318/312.v) observa que *-poro-*, embora absoluto, se combina com *opo-*, como em:

- 11) *oporo-bojá* *ø-juká-βo* *a-jú*
 vossos-vassalos CNT-matar-GER 1-vir
 ‘venho matar a todos os vossos vassalos’(Montoya, [1639/1640] 1876, p. 318/312)

- 12) *oporo-mba ɽé r-ebé* *ø-mundá-βo* *a-jú*
 23-coisa(s) CNT-em.relação CNT-roubar -GER 1-vir
 ‘venho roubar todas as vossas coisas’(Montoya, [1639/1640] 1876, p. 318/312.v-319/313.v)

O que Montoya considera como a combinação *o(po)-poro-* pode corresponder na realidade à forma fonológica que retrata uma instância final do processo de fusão *o(ro)-poro-*, mas já inanalísável, que ainda flutuava com *opo-*, quando o novo prefixo passou a se combinar com nomes. Há ainda um fato a considerar, que é a redução do morfema *-poro-* para *-por-* ou *-po-*, que acontecia não só no Guaraní Antigo, mas também no Tupinambá e que continua a acontecer em outras línguas, como o Tembé, independentemente da combinação desse morfema com prefixos pessoais. Essa redução acontece quando *-poro-* se combina com raízes iniciadas por vogal ou por reflexos do pTG **tɿ*. Exemplos de *por-* e *po-* podem ser vistos nas formas das posições abaixo (exemplos 30, 31, 32, 33 e 34) e também em temas verbais resultantes da combinação de *-poro-*Vtr. Figueira ([1687] 1878, p. 86) observa a esse respeito que em Tupinambá ‘Em alguns verbos não entra toda a dicção *poro...*’, como no verbo *-súβ* ‘visitar’: *a-jo-súβ* ‘eu o visitei’; *a-po-súβ* ‘eu visitei (gente)’.

Os dados discutidos nesta secção servem para fundamentar uma hipótese alternativa sobre a fonte histórica dos prefixos pessoais de segunda pessoa plural objeto em Tupí-Guaraní, a de que, em um ponto comum da história das línguas dessa família, combinações de marcas proclíticas de sujeito com o morfema **-poro-* tiveram seu uso estendido para expressar relações envolvendo um agente de primeira pessoa e um paciente de segunda plural:

- 13 a) **(icé) a-poro=nupã* ‘eu bato em gente’
 b) **(oré) oro-poro=nupã* ‘nós batemos em gente’

As construções originais usadas no contexto em que 1 ou 13 agia sobre 23, teriam sido morfofonologicamente reduzidas em várias línguas por pressões externas e internas que levaram à regularização de um paradigma de pronomes objetivos de segunda pessoa, no qual a nova forma *opo-* ‘23’ (< **oro-poro*) se associou ao já antigo *oro-* ‘2’. O quadro abaixo ilustra as diferentes reduções das combinações **a/oro-poro* ocorridas nas línguas da família:

<i>*a-poro-V</i>	>	<i>a-poro-V</i>	>	<i>a-poro-V</i>	(As-X)
<i>*oro-poro-V</i>	>	<i>oro-poro-V</i>	>	<i>oro-poro-V</i>	
<i>*a-poro-V</i>	>	<i>a-poro-V</i>	>	<i>a-pu-V</i>	(Tm)
<i>*oro-poro-V</i>	>	<i>oro-poro-V</i>	>	<i>uru-pu-V</i>	
	>	<i>a-po(ro)-V</i>	>	<i>a-pu-V</i>	(Gj)
	>	<i>oro-po(ro)-V</i>	>	<i>uru-pu-V</i>	
<i>*a-poro-V</i>	>	<i>a-po(ro)-V</i>	>	<i>a-po-V</i>	(Kw)
<i>*oro-poro-V</i>	>	<i>oro-po(ro)-V</i>	>	<i>oro-po-V</i>	
<i>*a-poro-V</i>	>	<i>a-poro-V</i>	>	<i>a-poro-V</i>	(Ém)
<i>*oro-poro-V</i>	>	<i>oro-poro-V</i>	>	--	
<i>*a-poro-V</i>	>	<i>(a-)poro-V</i>	>	<i>poro-V</i>	(Jo, Wj)
<i>*oro-poro-V</i>	>	<i>(oro-)poro-V</i>	>		
<i>*a-poro-V</i>	>	<i>(a-)po(ro)-V</i>	>	<i>po-</i>	(Ch, Gu, GP, Si)
<i>*oro-poro-V</i>	>	<i>(oro-)po(ro)-V</i>	>		
<i>*a-poro-V</i>	>	<i>a-poro-V</i>	>		(Tb, GA, Km,
<i>*oro-poro-V</i>	>	<i>o(ro)-po(ro)-V</i>	>	<i>opo-</i>	Pt)
<i>*a-poro-V</i>	>	<i>a-po(ro)-V</i>	>	<i>ãpa-V</i>	(Tp)
<i>*oro-poro-V</i>	>	<i>oro-po(ro)-V</i>	>		

3.2 MOTIVAÇÃO PRAGMÁTICA PARA A EXTENSÃO DO USO DE *A/ORO-PORO-

O morfema **-poro-*, cujo significado provavelmente se compunha dos traços [+/-humano, +genérico]¹⁰, teria tido seu uso estendido para expressar situações nas quais uma primeira pessoa agia sobre uma segunda pessoa plural, possivelmente como estratégia para atenuar a referência ao paciente. Fenômeno similar podemos encontrar no português, em construções muito comuns nas interações entre mãe/pai e filho(s), como por exemplo ‘*eu vou bater em gente!*’, ‘*eu vou botar gente de castigo*’, quando a intenção é dar um alerta, um aviso. Note-se que em Tembé, um dos usos que é dado a construções do tipo *a/uru-puru-Vtr* é similar ao uso das construções do português acima, como explicado por Porutu Tembé (em comunicação pessoal): “Quando os meninos estão fazendo traquinagem, ou quando outras pessoas tão fazendo coisa errada, pode também ser a mulher, a gente diz *a-puru-petéke ram tyry*, que quer dizer que eu tô pensando em bater neles”. (1-humano.genérico-bater.com.as.mãos INTEN hoje.mais. tarde). A diferença entre as línguas Tupí-Guaraní e o português é a de que, nas primeiras, construções com *-poro-* são também usadas sempre que o agente é 1 ou 13 e o paciente é 23, e na segunda trata-se apenas de uma das possibilidades de expressão de relações entre primeira pessoa agente e segunda pessoa paciente.¹¹

É interessante notar que no Asuriní do Tocantins (ramo IV) (Cabral, dados de trabalho de campo), quando 1/13 age sobre 23 essa relação é tratada de uma forma especial, mas que também atenua a referência ao paciente. Nessa língua o prefixo **oro-** ‘2’ marca o verbo quando o sujeito é de primeira pessoa ‘1’ ou ‘13’:

- 14 a) (*isè*) *oro-nopó potá* ‘eu vou bater em você’
 b) (*orè*) *oro-esák potá* ‘nós vamos ver você’

Quando o paciente é de segunda pessoa plural, apenas o sujeito é marcado no verbo, e o objeto é expresso sintaticamente em posição imediatamente pós-verbal, por meio de *awá-Ø* ‘pessoa(s)’, seguido da construção pospositiva *pén Ø-ubí* ‘de vocês’:

- 15 a) *isè a-nupó potá awá-Ø pén Ø-ubí*
 1 1-bater IMIN pessoa-CA 23 CNT-de
 ‘eu estou para bater em pessoas dentre vocês’
- b) *oré oro-nupó potá awá-Ø pén Ø-ubí*
 13 13-bater IMIN pessoa-CA 23 CNT-de
 ‘nós estamos para bater em pessoas dentre vocês’

O Parakanã, a língua mais próxima do Asuriní do Tocantins, trata de forma análoga as combinações de primeira pessoa agente ‘1’ ou ‘13’ com segunda pessoa paciente ‘2’ ou ‘23’. Este fato a respeito do Asuriní do Tocantins e do Parakanã é mais um dado a favorecer a hipótese de que, em um estágio anterior das línguas da família, as relações entre

¹⁰ Segundo Anchieta (1595, p. 50), “Tambem se pode usar dalgũs em subiectam materiã respectu sui generis, como dizendo dos brutos *poromonhãnga* generare. Das aues de rapina, *poropicíca*, capere prædam, sed hæc rarissime.”

¹¹ Na minha experiência pessoal, construções como ‘eu vou botar gente de castigo’ é tida como produtora de maior efeito pragmático do que construções em que o paciente é abertamente mencionado.

dessas classes lexicais sugere que o seu *status* gramatical em um estágio pré-*proto-Tupí-Guaraní* tenha sido o de um nome:

poro-Vtr:

Tupinambá

- | | |
|--|--|
| 19) <i>a-poro-mojáŋ</i>
1-fazer-gente
'eu faço (gero) homens (gente)'
(Anchieta, [1595]1990, p. 49) | 20) <i>a-pirá-?ú</i>
1-peixe-comer
'eu como peixe' (Anchieta, [1595]
1990, p. 50) |
|--|--|

Tembé

- | | |
|--|---|
| 21) <i>a-puru-esák</i>
1-gente-ver
'eu vejo gente' (Cabral, notas de
trabalho de campo) | 22) <i>a-ma?é-esák</i>
1- coisas-ver
'eu vejo coisas' (Cabral, notas
de trabalho de campo) |
|--|---|

Guaráyo¹²

- | | |
|---|--|
| 23) <i>a-poro-ajtsú</i>
1-genérico-amar
'eu amo (alguém)' (Dietrich, 1990, p.
306) | 24) <i>a-Tupã-picí</i>
1-Tupã-pegar
'eu recebo Deus' (Dietrich, 1990, p.
305) |
|---|--|

Chiriguano

- | | |
|--|--|
| 25) <i>a-poro-potá</i>
1-genérico-desejar
'eu desejo alguém' (Dietrich, 1990, p.
305) | 26) <i>añ-ãka-asói</i>
1-cabeça-cobrir
'eu cubro/cobri minha cabeça' (Di-
etrich, 1990, p. 304) |
|--|--|

Guaraní Paraguaio

- 27) *(a-)poro-juká*
(1-)genérico.humano-matar
'eu mato outro, ao próximo' (Guasch, 1948, p. 102)

Guaraní antigo

- 28) *a-poro-juká aβá r-ebé*
1-HG-matar pessoa CNT-com.respeito.a
'exercito ofício de matar homens' (Montoya, [1639/1640], p. 318/312)

Kayabí

- 29) *o-poro-nupã wã*
3-outro-bater 3pl
'ele bateu no outro' (em uma outra pessoa) (Weiss, 1999, p. 186)

poro-P

¹² Dietrich (1990:304-305) observa que o Chiriguano, mais do que outras línguas da família, sistematizou a diferença entre objetos genéricos e atuais. Dessa forma, objetos genéricos não pessoais são expressos por *-mbaé-* ~ *-maé* 'coisa' e objetos pessoais genéricos são expressos por *poro-*.

Outras indicações são as instâncias de *-poro-* nas formas fonológicas de algumas posposições. Veja-se o paralelismo das formas em 30) e 31) com as formas em 32), 33) e 34):

- 30) *sjé r-oβaké*
1 CNT-em.presença.de
'em minha presença' (Figueira, [1687] 1878, p. 123)
- 31) *je r-owaké ere-ŕin*
1 CNT-diante 2-estar.sentado
'você está sentado diante de mim' (Seki, 2000, p. 76)
- 32) *o-sĩ-ø ø-posé pitáŋ-a r-ú-j*
3.corr.mãe-CA CNT-ao.longo.de criança-CA CNTestar.deitado-IND.II
'a criança está deitada ao longo de sua mãe' (Anchieta, [1595]1990, p. 44)
- 33) *sjé ø-porupí sjé r-aŕĩr-a ø-kér-i*
1 CNT-ao.longo.de-CA 1 CNT-filho.de.homem-CA CNT-dormir-IND.II
'ao longo de mim dorme meu filho' (Figueira, [1687] 1878, p. 123)
- 34) *o-bó kwéj porupí*
3-ir Perf com-(a)gente
'ele foi com a gente' (Cabral, notas de trabalho de campo)

Em 30) e 31) tem-se a combinação de reflexos do pTG **-oβa* 'face' com um anti-go *-ke*, sendo esta última forma de origem desconhecida, encontrada unicamente nos reflexos de **-oβaké* 'diante de', portanto não mais analisável. Em 32) tem-se reflexos de um pré-*proto-Tupí-Guaraní por ~ po* 'humano.genérico' combinado com as posposições *-osé ~ -sé*. Em 33) e 34) tem-se a combinação desse morfema com *-upí*. Essas duas posposições se associam respectivamente aos casos *superessivo* e *perlativo* (Rodrigues, 2000).¹³

poro-Vtr/Vintr (Nomes)

Outras evidências são nomes de base verbal em combinação com *-poro-*:

Tupinambá

- 35) *moro-sém-a* 36) *pirá-sém-a*
H-*poro*-sair-CA peixe-sair-CA
'sair dos homens' 'sair dos peixes'
(Anchieta, [1595]1990, p. 44) (Anchieta, [1595]1990, p. 44)

Parintintín

- 37) *i-poro-juka-ar* *ŋã o-ko-vo* *ei* *ŋã*
H-*poro*-matar-Agt 3pl 3-estar.em.movimento 3.dizer 3pl
'eles são matadores de gente, eles disseram' (Betts, 1967, p. 40)

- 38) *oro Jibi po mbiara-ŕgw-ar-ubu*

¹³ Se esses são casos raros de posposições que se desenvolveram a partir da combinação de nomes com outros morfemas, e não necessariamente posposições em sua origem, datam provavelmente de um estágio anterior ao *proto-Tupí-Guaraní*.

e 1 talvez carne-comer-AGT-Intens

ro *ɲwaramo* *e* *po*

? Porque dizer talvez

‘porque eu sou um grande comedor de carne, ele disse’ (Betts, 1967, p. 120)

Mbyá

39a) **poro-mbo’e-a**
poro-ensinar-AGT
‘professor’
(Dooley, 1982, p.152)

39b) **poro-’u-a**
poro-comer-AGT
‘canibal’ ou ‘devorador de gente’
(Dooley, 1982, p.152)

poro-N

Há ainda o uso de *-poro-* com nomes, como em Tupinambá **moro-jár-a** (G-gente-senhor-CA) ‘senhor (de gente)’. Embora Anchieta (15) observe que quase todos os nomes podem fazer-se absolutos com *moro-*, essa combinação não é tão usada com nomes quanto com verbos. Exemplos do Tembé com combinações de poro-N são:

40) **puru-ʔãŋ** *paw*
Humano-genérico-sombra PLUR
‘retratos de gente’ (Cabral, notas de trabalho de campo)

41) **hé** *ø-a ʔãŋ-a*
1 NCNT-copiar-CA
‘meu retrato’ (Boudin, 1966, p. 216)

42) **maʔé** *r-o ʔó-kwér*
coisa(s) CNT-carne-ex
‘carne de animal’ (Boudin, 1966, p. 123)

43) **puru-ʔó-kwér**
genérico.humano-carne-ex
‘carne humana’ (Cabral, notas de trabalho de campo)

Em Tembé há ainda construções em que *puru-* se combina com descritivos:

44) **pur-etá-háv**
genérico.humano-ter.muitos-NOM
‘lugar com muita gente, multidão’
(Cabral, notas de trabalho de campo)

45) **maʔé** *r-eté-háv*
coisa(s) CNT-ter.muitos-NOM
‘lugar com muitas coisas, fartura’
(Cabral, notas de trabalho de campo)

46) **puru-etún-háv**
gente-ter.cheiro-CIR
‘cheiro de gente’ (Cabral, notas de trabalho de campo)

3.2 MORFEMAS COGNATOS DO PTG **-PORO-* EM OUTRAS LÍNGUAS DO TRONCOTUPÍ

Duas outras línguas do tronco Tupí, o Awetí e o Mawé, possuem morfemas que correspondem ao pTG **-poro-* ~ *-por-* ~ *-po-*. Em Awetí, o morfema *-pot-* com um significado de objeto genérico se combina com verbos transitivos, intransitivando-os. Nos exemplo 47 abaixo, o verbo comer combinado com *-pot-* equivale a comer-coisas, portanto intransi-

tivo, e como tal recebe a marca de primeira pessoa correferente com o sujeito da oração principal:

- 47) *mani'yp a-tym i-pot-'u-apan*
 mandioca 1s-plantar 1s-pot-comer-nom.fut
 'plantei mandioca para (eu) comer'(Monserrat, notas de trabalho de campo)

O mesmo ocorre em 48 com o verbo lavar, que recebe uma marca de sujeito de terceira pessoa, e em 50 com o verbo ralar; já em 49 e 51 os mesmos verbos sem *-pot-* são transitivos, recebendo em 49 o prefixo de objeto:

- 48) *a-zezut it-epit i-pot-kyzy-apan*
 1s-trazer 1s-roupa 3s-pot-lavar-nom.fut
 'eu trouxe minha roupa para ela lavar'(Monserrat, notas de trabalho de campo)

- 49) *a-zezut it-epit i-kyzy-apan*
 1s-trazer 1s-roupa 3obj.-lavar-nom.fut
 'eu trouxe minha roupa para lavá-la'(Monserrat, notas de trabalho de campo)

- 50) *kwat e-pot-e'e-tu*
 não 2s-3obj-ralar-NOM
 'não rale!' (intrans) (Monserrat, notas de trabalho de campo)

- 51) *kwat e-t-e'e-tu*
 não 2s-R²-ralar- NOM
 'não o rale! (transit) (Monserrat, notas de trabalho de campo)

No Mawé (Franceschini, 2000) há um morfema *-pot-* que significa 'genérico.humano':

- 52) *Uru-tu-we-pot-ka:t*
 1excl.A.+VM-refl.-genérico.humano-procurar
 'nós procuramos (gente/algum)' (Franceschini, 2000:219)

- 53) *Wa-tu-we-pot-mu:ʔé*
 1incl.A+VM-refl.-genérico.humano-ensinar
 'nós ensinamos' (Franceschini, 2000:219)

Paralelamente, o Mawé possui um prefixo *moro-*, interpretado por Franceschini (2000, p. 116-117) como morfema *sagittale* '1→2':

- | | |
|------------------------|-----------------------------|
| 54) <i>moro-Ø-sei:</i> | 55) <i>moro-bo ʔo -sei:</i> |
| 1→2-sg-lavar | 1→2-pl-lavar |
| 'eu te lavo' | 'eu vos lavo' |

Note-se a similaridade dessas construções com construções Tupí-Guaraní com *oro-/ro-* '2' e *opo-/po-* '23'. A principal diferença entre elas é a formalização da distinção singular/plural, que em Mawé é feita com o morfema *bo ʔo-* 'plural' e nas línguas Tupí-Guaraní é feita pela oposição entre *oro-* '2' e *opo-* '23'. Esses fatos sobre o morfema *moro-* do Mawé sugerem que ele corresponda a uma marca de segunda pessoa objeto e não a uma forma *portmanteau*, por razões análogas às expostas anteriormente e que justificam a interpretação dos prefixos Tupí-Guaraní como marcas de objeto (ver Rodrigues, 1998, e Queixalós e

Rivera, 2000). Ainda com respeito a esse morfema, sua semelhança com o morfema *-poro-* Tupí-Guaraní, nas situações em que os temas com esse morfema são flexionados pelo relational ‘H(umano)’, como em Tupinambá *moro-sém-a* (*m-poro-sém-a* H-genérico.humano-sair-CA ‘sair dos homens’, sugere ou que ele tenha se desenvolvido a partir de uma antiga forma *-poro-*, ou que tenha sido emprestado de alguma língua Tupí-Guaraní.

Em suma, os dados do Awetí e do Mawé mostram a existência de um morfema comum *-pot-* que corresponde ao proto-Tupí-Guaraní **-poro- ~ -por- ~ -po-*, o que favorece a idéia de que todas essas formas são originárias de um proto-Awetí-Mawé-Tupí-Guaraní¹⁴ ****pot-** [+/-humano, + genérico], cujo reflexo em Tupí-Guaraní especializou-se em algumas línguas como [+genérico], em outras como [+humano, +genérico], e ainda em outras reteve os traços originais. No Mawé prevaleceram os traços [+humano, +genérico] e no Awetí especializou-se em [+genérico (-humano)].

Os dados dessas duas línguas fornecem também indicações adicionais para a hipótese aqui proposta de que as marcas pessoais de segunda pessoa plural objeto de várias línguas Tupí-Guaraní têm como fonte histórica a combinação de prefixos subjetivos e *-poro-*, uma vez que os reflexos do morfema original co-ocorrem nas três famílias com marcas de sujeito, e os seus traços semânticos justificam o fato de que, já no proto-Tupí-Guaraní, tenha sido usado para atenuar a referência ao paciente de segunda pessoa do plural, quando o sujeito era de primeira pessoa.

Quanto à existência de um morfema pessoal *moro-* em Mawé, usado em situações análogas àquelas em que o Tupí-Guaraní faz uso de *oro-*, é pouco provável que ela ofereça indicações sobre a fonte histórica desse morfema, para a qual não há, até o presente, uma hipótese plausível, embora provavelmente tenha sido a forma *oro-* o modelo que serviu de base para o surgimento de marcas de segunda pessoa do plural objeto *ãpa-/opo-/po-* (< **(a-/oro-)poro-*) em Tupí-Guaraní.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCHIETA, Joseph de. **Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil**. Coimbra, 1595. Reproduções facsimilares: Leipzig: Teubner, 1876; Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1933; São Paulo: Anchieta, 1946; Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1980; Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1981; São Paulo: Loyola, 1990.

BARBOSA, Antônio L. **Curso de tupi antigo**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

BENDOR-SAMUEL, D. **Hierarchical structures in Guajajara**, Norman: Summer Institute of Linguistics/University of Oklahoma, 1972.

BETTS, L. Parintintín texts in interlinear format. **Arquivo de textos G**. Brasília, DF. SIL, 1967.

_____. **Dicionário Parintintín - Português, Português - Parintintín**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

¹⁴ Rodrigues e Dietrich (1996, p. 265).

BOUDIN, M. H. **Dicionário de Tupí-Moderno (dialeto Tembê-Tênêthar do alto rio Gurupí)**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1966.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language usage**. New York: Cambridge University Press, 1994.

CADOGAN, L. **Diccionario Mbyá-Guaraní Castellano**. Biblioteca de Antropología, vol. XVII. Asunción: Fundación León Cadogan, 1992.

CORRÊA DA SILVA, B. C. **Urubú-Ka'apór, da gramática à história: a trajetória de um povo**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 1997.

COUCHILL, T., MAUREL, D., e QUEIXALÓS, F. **Classes de lexèmes en emérillon** (no prelo).

DIETRICH, W. **El idioma chiriguano. Gramática, textos, vocabulario**. Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1986.

DOBSON, R. Aspectos da Língua Kayabí. **Série Lingüística**, vol. 12. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1988.

Gramática prática com exercícios da língua Kayabí. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1997.

DOOLEY, R. A. **Vocabulário do Guaraní**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1982.

FIGUEIRA, Luís. **Arte de grammatica da lingua brasilica**. Lisboa: M. Deslandes, 1687. (Reedição fasimilar: Leipzig: Teubner, 1878).

FRANCESCHINI, Dulce. **La langue Sateré-Mawé: description et analyse morphosyntaxique**. Thèse de Doctorat de 3ème cycle, Université de Paris VII, Paris, France.

GRENAND, F. **Dictionnaire Wayãpi-Français, Lexique Français-Wayãpi (Guyanne française)**. Paris: Peeters/SELAF, 1989.

HARRISON, C. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajára. In Derbyshire, D. C., and Pullum, G. K. (eds.), **Handbook of Amazonian Languages**, Vol. I, p. 407-439. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1986.

HOELLER, A. **Grammatik der Guarayo-Sprache**. Guarayos/Hall in Tirol: Verlag der Missionsprokura der P. P. Franziskaner, 1932.

JENSEN, C. J. Object-prefix incorporation in Proto Tupí-Guaraní verbs, **Language Sciences**, 9, Number 1:45:55, 1987.

_____. **O desenvolvimento histórico da língua Wayampí**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

_____. Cross-referencing changes in some Tupí-Guaraní languages. In PAYNE, D. L. (ed.), **Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages**, p. 117-58. Austin: University of Texas Press, 1990.

LEITE, Y. F. Para uma tipologia ativa do Tapirapé. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 18:37-56, UNICAMP. Campinas, 1990.

MAUREL, D. Éléments de grammaire émerillon. **Chantiers Amérindia**, Supplément 1 au n. 23 d'*Amérindia*. Paris: Association d'Ethnolinguistique Amérindienne, 1998.

MONSERRAT, R. M. F. Prefixos pessoais em Awetí. Publicações do Museu Nacional, **Série Lingüística III**, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1976.

MONSERRAT, R. M. F., Soares, M. F. Hierarquia referencial em línguas Tupí. **Ensaio de Lingüística**, 9:164-187, Belo Horizonte, 1983.

MONSERRAT, R. M. F., e Irmãzinhas de Jesus. **Língua Asuriní do Xingu: Observações Gramaticais**. Belém: Conselho Indigenista Missionário, 1998.

MONTOYA, Antonio Ruíz de. **Arte, y vocabulario de la lengua guarani**. Madrid, 1640. Reprodução facsimilar integral: Madri: Cultura Hispánica, 1994; reproduções facsimilares só da *Arte*: Leipzig: Teubner, 1876, e Asunción: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", 1993.

QUEIXALÓS, F., e RIVERA, G. F. **Efectos morfológicos de la pragmática en el verbo quechua** (MS), 2000.

RESTIVO, Paulo. **Arte de la lengua guaraní**. Pueblo de Sta. María la Mayor, 1724. Reprodução: Stuttgart, 1892.

RODRIGUES, A. D. **Estrutura do Tupinambá** (ms), 1981.

_____. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. **Revista de Antropologia**. São Paulo, n. 27/28, p. 33-53, 1985.

_____. Alguns casos de regramaticalização em línguas da família Tupí-Guaraní. Comunicação feita no **Seminário Permanente de Línguas Indígenas**, UFPA, Belém, 1998.

_____. Caso em Tupí-Guaraní, particularmente em Tupinambá. **Síntese, Anais do XIII Congresso da ANPOLL** (Campinas), CD-ROM, Niterói, 2000.

RODRIGUES, A. D., e DIETRICH, W. On the Linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guaraní. **Diachronica**, n.14.2, p. 265-304, Amsterdam, 1997.

RODRIGUES, D. M. G. Ergatividade em Guarani Antigo. Trabalho apresentado no **Seminário Permanente de Línguas Indígenas**, Belém, 1997.

SEKI, L. 1990. Kamaiurá as an active language. In Payne, D. L. (ed.), **Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American languages**. Austin: University of Texas Press, 1990, pp. 367-391.

_____. **Gramática Kamaiurá: uma língua Tupí-Guaraní do Alto Xingu.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

TAYLOR, J. and Audrey. **Statement of Kaiwá Grammar from clause do Morpheme Level**, arquivado no SIL (Brasília), na FUNAI (Brasília), e no Museu Nacional (Rio de Janeiro), 1966.

VIEIRA, M. D, e LEITE, Y. F. Observções Preliminares sobre a língua Araweté. **Moara**, 9, pp. 7-31, Belém,1998.